



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA
COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

RELATÓRIO DE PÓS-DOCTORADO

O JOGO COMO METÁFORA DA CENA: TEATRO PERFORMATIVO E NARRATIVAS INFANTIS

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira

Relatório de estágio pós doutoral apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para a obtenção do grau de Pós doutora em Educação.

Supervisores do estágio: Prof^a Dr^a. Iduina Mont'Alverne Braun Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ) e Prof. Dr. Jefferson Fernandes Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

**Natal/RN
Junho/2022**

SUMÁRIO

- 1. APRESENTANDO O PROJETO: O TEMA, OS OBJETIVOS E A JUSTIFICATIVA**
- 2. RELEVÂNCIA DO TEMA E ORIGINALIDADE**
- 3. A CRIANÇA É PERFORMER¹: IMAGINAÇÃO, BRINCADEIRA, CRIAÇÃO E TEATRO PERFORMATIVO**
- 4. O CAMINHO TRILHADO: CRIAÇÃO, REFLEXÃO EM CENA**
- 5. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS**
- 6. REFERÊNCIAS**

¹ Título do texto: “A criança é performer” (2010), de Marina Marcondes Machado.

1. APRESENTANDO O PROJETO: O TEMA, OS OBJETIVOS E A JUSTIFICATIVA

Este relatório de estágio pós doutoral objetiva relatar o caminho percorrido no desenvolvimento do projeto de pós-doutorado intitulado “O jogo como metáfora da cena: teatro performativo e narrativas infantis, que investigou as narrativas das crianças a partir das reflexões sobre a construção do processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”. Estabeleceu-se como lócus da pesquisa o Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e como sujeitos do trabalho crianças do segundo ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, do turno matutino.

As motivações iniciais para a escolha dessa temática tiveram sua gênese quando desenvolvi pesquisas para elaboração da monografia de conclusão do curso de Pedagogia/UFRN e dissertação de mestrado sobre as narrativas infantis. A primeira pesquisa objetiva investigar as narrativas das crianças sobre a Escola de Educação Infantil e a segunda objetiva investigar as narrativas infantis sobre a brincadeira.

Outros fatores decisivos para a escolha de nossa temática residem em nossas vivências pessoais e profissionais, das quais destacamos: a experiência como bolsista estagiária do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAp/UFRN, ainda como aluna do curso de Pedagogia/UFRN e o exercício da docência nessa instituição de ensino.

Nesse espectro, meus estudos sobre a Linguagem Teatral nessa escola iniciaram-se em 2011, quando fui sujeito da pesquisa de doutorado da professora aposentada da instituição Nayde Fonseca sobre Teatro de animação na escola da infância. No ano de 2016, participei do Curso de extensão sobre teatro de animação coordenado pela professora Nayde e em 2018 iniciei a coordenação de dois projetos, um de pesquisa e outro de extensão sobre a Linguagem Teatral na escola da infância. E ainda durante os anos de 2018 e 2019, estou na coordenação do Curso de Extensão Linguagem Teatral na escola da infância que objetiva desenvolver um trabalho acerca da Linguagem Teatral na infância a partir da formação inicial e continuada dos professores da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental e

discentes das licenciaturas da UFRN e contribuir para a construção de saberes acerca da cultura de ensinar, aprender e fazer teatro na escola da infância.

Enfatizamos que para criar subsídios para a escrita desse relatório, as atividades desenvolvidas no NEI, foram de fundamental importância, pois nos oportunizou aliar a teoria à prática sobre o teatro na infância, o que é bastante importante. Como nos esclarece Freire (1996, p. 22), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

Refletindo sobre a criança, considerando a importância de conhecê-la, reconhecendo que as crianças são sujeitos que produzem cultura, que pensam, que se expressam e percebendo a importância da Linguagem Teatral no desenvolvimento infantil surgiu o interesse em pesquisar as narrativas das crianças do Ensino Fundamental sobre a construção do processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”.

As atuais discussões envolvendo a criança contemporânea a posicionam em local de destaque. Essa mudança de mentalidade ocorre, em especial, devido ao acesso à informação, aliada as novas concepções acerca do ser criança, permitindo um redimensionamento do seu papel social, dando-lhes outras possibilidades de ser e estar no mundo (BRASIL, 2007).

Nesse contexto, as concepções de “criança” e “infância” atuais nos remetem a considerar as crianças como sujeitos que possuem um olhar crítico, que pensam, agem e sentem, como seres singulares e especiais, que têm direitos e deveres, que se constituem, desenvolvem-se nas interações sociais, aprendendo, incorporando e ressignificando práticas culturais, ou seja, sujeitos que devem ter vez e voz na educação (BRASIL, 1998).

Nesse sentido, a infância enfrenta um processo de mudança, embora mantenha-se como categoria social, com distintivos próprios. É, também, detentora de uma identidade cultural própria, nem sempre relacionada aos ditames do universo adulto. Isso quer dizer que as crianças podem ser consideradas como atores sociais importantes, possuidoras de ideias críticas e reflexivas (SARMENTO, 2003). É nesse processo de produção de cultura que observamos crianças como sujeitos reflexivos e críticos que são construtoras de histórias e cultura, que expressam o seu pensamento, mostrando o modo como encara o mundo.

Rossler (2006) aponta que o desenvolvimento do ser humano acontece de acordo com a apropriação da cultura e com as diversas mediações que o indivíduo vivencia, ao longo da sua vida, e que o tornam capaz de reproduzir, transformar e exteriorizar o conhecimento do qual se apropriou. Acreditamos que a criança recorre à brincadeira, ao teatro, a música, as artes visuais, a dança como mediadores desse processo de apropriação, expandindo suas relações com o mundo dos objetos e símbolos humanos. Dessa forma, assimila, compreende e aprende a viver socialmente no espaço em que está inserida.

Entende-se, neste relatório, que o teatro possui um sentido social e está fortemente associado à cultura e às condições de vida daqueles das crianças. Segundo Brougère (1997), toda sociedade é formada por uma cultura que dispõe de diversas imagens, representações, símbolos e significados expressivos, dentro de um espaço social. Por meio da Linguagem Teatral, as crianças se apropriam dessa cultura e sociedade, podendo se expressar e criar produções, destacando-se que o teatro também promove a criatividade e o desenvolvimento.

O teatro, enquanto linguagem se refere às formas de expressão e comunicação estruturante do sujeito no mundo, fazendo parte do cotidiano das crianças e, como tal, também das práticas docentes na infância. Mas, nem sempre as especificidades da Linguagem Teatral são consideradas com a intencionalidade necessária para que se promova o acesso das crianças ao conhecimento já construído neste campo de experiência, ampliando seu repertório de leitura e expressão nessa linguagem.

É preciso que se considere as crianças como leitoras das produções artísticas do seu entorno, assim como produtoras de linguagens e, para tanto, se faz necessário investigar tanto as formas de acesso à Linguagem Teatral, assim como o desenvolvimento dos processos expressivos das crianças. Dessa feita, propomos, em nossa análise, possibilidades criativas que incluam aspectos performativos da Linguagem Teatral. Abrimos, assim, espaço para a invenção, a imaginação e a liberdade, proporcionando que as crianças se apropriem da cultura, expressem-se e criem leituras do mundo em suas produções. Dessa forma, a escola como lugar privilegiado para a produção e aprendizagem da cultura, pode experimentar e criar novos modos de acesso e convivência com os saberes, nas mais diferentes e diversas áreas de conhecimento.

A necessidade de transformação no modo de conhecer, de aprender e de fazer exigem mudanças, tanto nos ambientes, nos espaços de aprendizagem e de reflexão, quanto no que diz respeito às novas atitudes, ao espírito coletivo, à criatividade artística e pedagógica. Isso significa pensar que os saberes da Arte não são inferiores a outros saberes, mas sim, linguagens e formas de compreensão/expressão sobre os modos de ser, viver, pensar e criar, pois o teatro é:

A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo o dia. [...] É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa (SPOLIN, 2010, p. 4 e 5).

No Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAp/UFRN, o teatro é uma subárea da Arte, sendo compreendida como conhecimento, linguagem e cultura. Nesta escola, o estudo dessa linguagem na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, tem como princípio os três momentos da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991) para o ensino da arte, que são: a história da arte (contextualização), a leitura (crítica e estética) e o fazer artístico (produção).

Refletindo sobre a criança, considerando a importância de conhecê-la, reconhecendo que as crianças são sujeitos que produzem cultura, que

pensam, que se expressam e percebendo a importância da Linguagem Teatral no desenvolvimento infantil surgiu o interesse em pesquisar “as narrativas das crianças a partir das reflexões sobre a construção do processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”. Desse modo, definimos os seguintes objetivos:

Objetivos Geral

- Investigar as narrativas das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental sobre a Linguagem Teatral, por meio dos jogos improvisacionais e do teatro performativo.

Objetivos específicos

- Perceber o modo como o NEI vem desenvolvendo o trabalho com o campo de saber e experiência/área de conhecimento “Arte”, subcampo/subárea “Teatro”, em consonância com a metodologia criada pela escola (Tema de Pesquisa);
- Perceber, por meio dos jogos improvisacionais, do teatro performativo e das narrativas das crianças, as contribuições da inserção da Linguagem Teatral na prática pedagógica do NEI para a formação dos envolvidos;
- Criar estratégias de aprimoramento da proposta pedagógica da Linguagem Teatral no NEI, com base nas narrativas das crianças;
- Contribuir com subsídios teórico-metodológicos para os professores que pretendem considerar o pensamento infantil em sua ação docente, refletindo sobre a sua prática e o planejamento de atividades relacionadas à Linguagem Teatral.

Justificamos, então, este trabalho, no escopo de sua pesquisa originadora, pela seguinte percepção: ao reconhecermos a importância da Linguagem Teatral na escola, faz-se necessário pensar em alternativas que permitam a sua entrada, em caráter definitivo, nas práticas pedagógicas com crianças. É preciso discutir essa linguagem a partir de um viés contemporâneo e que avance na perspectiva da participação da criança como ativa no processo de criação da cena e dos seus sentidos.

Para subsidiar teoricamente esta investigação, recorreremos a alguns estudiosos que têm contribuído para avançar o conhecimento na área em que desenvolvemos o trabalho. Eles são: Ludke e André (1986), Vygotsky (1998),

Barbosa (1998), Borba (2007), Féral (2008), Acácio (2011), Machado (2010), Huizinga (2012), entre outros. Destacamos, ainda, que a consulta a fontes documentais também se fez necessária, o que nos levou a estudar os seguintes documentos: BRASIL (1998, 2007), Proposta Pedagógica NEI-CAp/UFRN (2021 – no prelo), dentre outros.

No que concerne à estrutura, iniciamos com a apresentação do tema, que profere a respeito do contexto da pesquisa, bem como com o objetivo e a justificativa, refletindo, ainda, sobre o protagonismo da criança, considerada um ser imaginativo e performático. Depois, dialogamos sobre o referencial teórico estudado e a metodologia, elucidando a prática por meio dos jogos improvisacionais e da abordagem triangular, encerrando o trabalho com algumas considerações e, por fim, com as referências que o fundamentaram.

2. RELEVÂNCIA DO TEMA E ORIGINALIDADE

As pesquisas com as crianças são importantes fontes de dados, porque tornam possível evidenciar as crianças como tendo as suas próprias perspectivas acerca do mundo social.

Essa abordagem de pesquisa com a criança nos permite conhecer um pouco mais a própria condição humana. Nessa mesma direção, defendemos com Kramer (2002), que a pesquisa com crianças é também um modo de compreendermos criticamente a produção cultural de nossa época e os lugares sociais que adultos e crianças ocupam neste processo de criação.

Conhecer e aprender as manifestações e expressões culturais das crianças, tendo a Linguagem Teatral como categoria de análise e as crianças como sujeitos de pesquisa, portadoras de linguagens e produtoras de cultura, tem permitido ampliar as possibilidades de estabelecimento de relações diversas em que as múltiplas dimensões humanas possam ser reconhecidas, pois revelarão também as culturas infantis (DEMARTINI, 2005).

As crianças são produtoras de cultura no sentido de serem capazes de construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação. Essas culturas produzidas pelas crianças resultam do processo social de construção da infância.

A compreensão das culturas da infância só poderá ser feita na conjugação da análise da produção das formas culturais para a infância com a recepção efetiva dessas formas pelas crianças. Mas, além disso, essa compreensão não pode deixar igualmente de pôr em relevo aquilo que são as formas culturais autônomas geradas pelas crianças nas suas interações e nas interações com os adultos e com a natureza, e que as caracterizam não apenas como fruidores, mas como criadores culturais (SARMENTO, 2003).

Mediante essa compreensão, ensinar e aprender teatro na escola é propiciar situações em que as crianças possam assistir a espetáculos, apreciar a diversidade da Linguagem Teatral presentes em diferentes culturas, vivenciar diferentes possibilidades de criação e expressão do teatro para se comunicar com o mundo.

Nesse sentido, o teatro na escola não envolve o aprendizado mecânico de uma técnica composta por falas e gestos padronizados, mas, sobretudo, pelo processo de improvisação e composição da Linguagem Teatral em que as crianças experimentam diversas e diferentes possibilidades de jogar, expressar, criar, etc. Além disso, o teatro proporciona às crianças ampliação do repertório de comunicação e expressão cultural, vivenciando impressões, sentimentos, emoções e conhecimentos (SPOLIN, 2010).

Nessa perspectiva, procurando perceber a criança a partir das concepções desenvolvidas pelo NEI, e destacando que muitas pesquisas realizadas sobre a Linguagem Teatral têm privilegiado o olhar do adulto, consideramos este nosso trabalho importante e, até, com uma certa originalidade. Todos esses estudos, dentre tantas descobertas que nos proporcionaram, nos alertaram para o tema que ora pesquisamos: escutar as crianças sobre a Linguagem Teatral a partir de vivências com jogos improvisacionais.

Os caminhos para o trabalho com as práticas teatrais são diversos, e aqui apresentamos apenas algumas possibilidades. As crianças da nossa escola aprendem desde cedo a valorizar, a apreciar e a vivenciar diferentes linguagens, formas de expressão e elaboração de sentidos. Acreditamos, assim, que no contato com as diversas formas de linguagens, participando do processo de criação, as crianças são incentivadas a serem

leitoras/apreciadoras da arte, seja ela dança, esporte, música, pintura, escultura, poesia, teatro, dentre outras.

Dessa forma, reafirmamos o entendimento de que essa e outras práticas sobre a Linguagem Teatral e as narrativas infantis permitem as crianças compreenderem, conhecerem a si mesmas e o mundo, terem liberdade para criar, aprender e expressarem valores e atitudes de cooperação, organização e o respeito às diferenças, limites e possibilidades do outro; bem como se comunicarem, elaborarem sentidos para essas vivências, utilizando-se do gesto, da palavra, do movimento e de suas emoções.

3. A CRIANÇA É PERFORMER²: IMAGINAÇÃO, BRINCADEIRA, CRIAÇÃO E TEATRO PERFORMATIVO

Nesse ponto iremos abordar sobre o referencial teórico estudado, elucidando reflexões importantes dos temas referentes ao nosso objeto de estudo: criança, brincadeira, imaginação e teatro performativo.

A criança um ser imaginativo, criativo, interativo, inventivo e intrinsecamente lúdico nas construções das narrativas da vida cotidiana. Compreendemos que a brincadeira é o meio pelo qual ela vai organizando suas experiências, bem como descobrindo e recriando seus sentimentos e pensamentos a respeito do mundo, das coisas e das pessoas com as quais convive. Por meio das brincadeiras, as crianças vivem situações do mundo real e aprendem a elaborar o seu imaginário, a buscar a realização de seus desejos e, portanto, a estruturar o pensamento (VYGOTSKY, 1998).

A infância se caracteriza pelo brincar. “A brincadeira é uma palavra estreitamente associada à infância e às crianças” (BORBA, 2007, p. 34). É através do brincar que a criança constrói sua aprendizagem acerca do mundo em que vive, relacionando-se com a cultura em que está inserida. Por esse motivo, a brincadeira deve “[...] ser livre, espontânea, não ter hora marcada, nem resultados prévios e determinados” (BORBA, 2007, p. 43).

Para Huizinga (2012), a brincadeira é uma atividade livre, cultural e divertida, que oportuniza às crianças a externalização de sentimentos e ações da vida cotidiana, como também momentos de aprendizagem e formação dos

² Título do texto: “A criança é performer” (2010), de Marina Marcondes Machado.

grupos sociais. Confirmando a afirmação anterior, Huizinga (2012, p. 16) esclarece:

Numa tentativa de resumir as características da brincadeira, poderíamos considerá-la uma atividade livre, imaginativa, conscientemente tomada como “não-séria”, que exterioriza a vida habitual [...]. É uma atividade cultural praticada dentro de espaços e tempos próprios, promovendo a formação de grupos sociais.

Elementos como a imaginação, a ludicidade e a criatividade são essenciais no desenvolvimento da criança e na construção da sua personalidade, envolvendo aspectos cognitivos e afetivos. Destarte, por possuir características lúdicas, criativas e imaginativas, a criança é considerada um ser performativo. Elucidamos que essa imaginatividade se conecta com uma inventividade, misturando formas e linguagens e explorando possibilidades fora dos limites que para nós estão formalizados.

Nesse sentido, essas características são contextualizadas com a concepção de criança performer.

[...] Percebi que os modos de ser e de estar no mundo das crianças ganhavam espaço, vitalidade e inúmeras possibilidades expressivas quando lhes era oferecido um ambiente composto por contextos sensíveis, inteligentes, vivos: algo muito próximo daquilo que, em arte contemporânea, nomeiam-se instalações [...]. Seja em termos de tempo, seja em termos de espaço, a criança modifica, quase o tempo todo, seus roteiros de improviso e aproxima, recorrentemente, suas narrativas teatrais da sua vida cotidiana – este, outro marco da cena contemporânea: a aproximação entre a arte teatral e a vida, entre criação cênica e Antropologia. A capacidade para a transformação, para a incorporação da cultura compartilhada, o dom para ler a vida cotidiana de modo imaginativo, tudo isso aproxima fortemente o modo de ser da criança pequena das maneiras de encenação contemporâneas (MACHADO, 2010, p. 118).

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar/imaginar/performar, é preciso promover espaços com uma pluralidade de materiais apropriados para cada faixa etária e momentos, visando que a brincadeira seja experienciada de forma significativa (PEREIRA, 2018). O Referencial Curricular da Educação Infantil assim esclarece:

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 28).

Por meio da ludicidade e da imaginação, a criança compreende e dá sentido ao mundo, comunica-se, interroga, explica e se relaciona com outras crianças e adultos. Já mediante a brincadeira performativa, ela expressa suas emoções, seus sentimentos e seus pensamentos, contribuindo para seu desenvolvimento.

Acreditamos que a criança recorre à brincadeira, ao teatro, à performance e à linguagem corporal como mediadores desse processo de apropriação, expandindo suas relações com o mundo dos objetos e símbolos humanos. Dessa forma, assimila, compreende e aprende a viver socialmente no espaço onde está inserida. Esse processo se dá de maneira performativa (MACHADO, 2010), em uma aproximação que conduz à sua apropriação dos limites e das aproximações entre arte e vida.

Considerando as interfaces entre essas diversas linguagens, buscamos refletir sobre as práticas pedagógicas de atendimento à infância. Para tanto, evidenciamos que a criança é corpo em movimento em todos os instantes, constituindo-se como sujeito em formação em seus processos culturais e históricos (PEIXOTO, 2019).

No contexto da nossa pesquisa, buscamos analisar a concepção de corpo por meio de uma base teórica fundamentada na corporeidade, baseada em práticas pedagógicas que consideram o corpo em sua totalidade. Reconhecemos, assim, a criança performer, com um corpo brincante que constrói o conhecimento a partir das experiências vividas, de suas marcas históricas e das vivências pertinentes tanto à liberdade e à autonomia do corpo quanto à sua dependência do meio, da cultura e da sociedade em que vive (PEIXOTO, 2019).

É por meio do corpo que a criança se coloca no mundo, dando significado a este mediante suas ações, bem como transformando e

reinventando suas ideias e emoções. Mesmo sabendo da importância dos aspectos fisiológicos, o corpo não pode ser visto apenas sob o ponto de vista biológico, mas também deve ser concebido como permeado de afetos e emoções, constituindo-nos enquanto sujeitos integrais (PEIXOTO, 2019). Nessa perspectiva, elucidamos, alguns conceitos que nortearam a composição performativa das crianças e que foram importantes na discussão deste artigo. São eles: teatro, teatralidade, performance e teatro performativo.

De acordo com Acácio (2011), o teatro representa uma estrutura narrativa e representacional, já a performance se caracteriza como um evento, um acontecimento. Desse modo, performatividade é a potência de eventualidade, de ação não representacional e de invenção potencial do momento presente pelo corpo, enquanto teatralidade é uma qualidade que organiza sentidos na linguagem, encadeia elementos e se dispõe numa relação de caráter mais controlado com o momento presente. Todavia, faz-se premente grifar que ambas compõem o recorte do teatro performativo, enquanto forças poéticas complementares que se articulam no processo criativo. Para evidenciar essas diferenças, Acácio (2011, p. 49) explicita:

Nesse sentido, podemos refletir sobre a diferença entre o teatro e a performance em relação à teatralidade. A diferença é que, no teatro, a teatralidade é responsável por “criar” um quadro de códigos, convenções culturais e referências, normalmente habituais e cognoscíveis pelo espectador. A performance, por sua vez, não “cria” um enquadramento, ela “instala”. A diferença pode estar nessa medida. A receptividade que a performance solicita do espectador se dá no nível das sensações, do sensorial, do “à flor da pele”. O teatro cria a teatralidade e instala o espetáculo. A performance instala a teatralidade e cria o evento.

O termo teatro performativo surge a partir das relações dos conceitos de teatro, teatralidade e performance, ou seja, ele se configura com o objetivo de redefinir o teatro que se faz atualmente, o qual carrega na sua construção as noções de teatralidade e performatividade. Féral (2008) ratifica a reflexão anterior sobre os elementos fundadores que constituem e caracterizam o teatro performativo, que são:

[...] a transformação do ator em performer, a descrição dos acontecimentos da ação cênica em detrimento da

representação ou de um jogo de ilusão, o espetáculo centrado na ação e na imagem e não mais sobre o texto, apelo a uma receptividade do espectador de natureza essencialmente especular ou aos modos das percepções próprias da tecnologia [...] (FÉRAL, 2008, p. 198).

Nesse aspecto, refletimos que o teatro performativo não tem o objetivo de construir uma ilusão cênica para o espectador, mas de descrever os acontecimentos da ação cênica. Dessa feita,

[...] entendemos o “evento” no contexto do teatro performativo como uma sucessão de acontecimentos motivados por um planejamento prévio, colocado em diálogo com as situações in loco e, finalmente, elaborados em ação ou imagem diante do espectador (ACÁCIO, 2011, p. 53).

A criança como performer joga com a eventualidade do momento presente, criando, por meio de sua ludicidade, possibilidades inquietas na cena e brincando com os materiais dispostos nesta para inventar outros sentidos imprevistos no processo criativo. Em sua resistência às formas, esperada de quem não se deteve ainda em circunscrever o mundo por meio delas, a criança performer nos coloca em outra posição enquanto professores e mediadores dos processos de aprendizagem em teatro.

Durante o ano de 2019, na turma do 2º ano, que compreende crianças com faixa etária de 7 e 8 anos de idade, do Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vivenciamos com as crianças o seguinte tema de pesquisa³: “A formação do povo brasileiro”. O objetivo era trabalhar a partir dele, de forma interdisciplinar, vários aspectos: históricos, geográficos, culturais, artísticos (teatro, dança, música, artes visuais) etc., na dialética com a construção de um experimento teatral performativo denominado “A formação do povo brasileiro”.

³ Tema de pesquisa é a metodologia escolhida pela instituição para designar a organização e o planejamento dos conteúdos e do tempo que a situação (objeto de estudo) exige. Este se constitui em um parâmetro básico da dinâmica pedagógica e é uma metodologia que considera as vivências e os valores socioculturais das crianças, garantindo o acesso a experiências em que elas possam expressar, ampliar e atualizar suas ideias, seus conhecimentos e seus sentimentos. Os temas de pesquisa funcionam como articuladores e fios condutores das diversas áreas do conhecimento, contribuindo para que a criança seja movida pelo prazer, por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa.

À medida que experimentamos os distintos aspectos práticos no processo criativo, as crianças criaram, com seus corpos, cenas que oscilaram entre o representacional e o performativo. A seguir, apresentaremos o caminho trilhado na construção das narrativas das crianças a partir das reflexões sobre a construção do processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”.

4. O CAMINHO TRILHADO: CRIAÇÃO, REFLEXÃO EM CENA

No início de março de 2020, iniciamos o processo de estágio pós doutoral com uma reunião com a professora Iduína Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ) e com o professor Jefferson Fernandes (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), para traçarmos o planejamento do estágio, mas no dia 20 de março desse ano o mundo passou por uma brusca mudança diante do COVID-19. E frente a esse novo cenário, de isolamento social e incertezas, sem dúvida, nossos planos tiveram que ser reorganizados.

Frente à pandemia, a relação com o tempo e com as coisas da vida mudou. Os marcadores temporais, as nossas rotinas, foram bruscamente alterados, houve um desequilíbrio e, aos poucos, tivemos que encontrar formas para continuar o processo da pesquisa.

Dessa forma, nos organizamos para estudar o referencial teórico, participar de forma online do Grupo de Estudos⁴, coordenado pela professora Iduína Chaves, realizar as entrevistas online com as crianças, colaborar com as discussões do Grupo de pesquisa “Linguagem Teatral na Escola da Infância⁵”, entre outras ações. Nesse período, iniciei uma especialização sobre Ensino de Teatro, promovida pelo IFRN – Campus Parnamirim/RN, que também passou por processos de reorganização devido a pandemia. As discussões das disciplinas da especialização foram de fundamental importância para as reflexões teóricas e práticas sobre a Linguagem Teatral.

⁴ As discussões do Grupo de Estudos aconteciam todas as quintas-feiras.

⁵ O Grupo de Pesquisa “Linguagem Teatral na Escola da Infância”, foi criado em 2018 e é ligado ao CNPq pelo Grupo de Pesquisa NEPI – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Infância. Coordenado pelas professoras Ana Catharina Bagolan, Sara Peixoto e Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira do Núcleo de Educação da Infância – NEI-CAp/UFRN, objetiva investigar sobre pressupostos teóricos e metodológicos acerca do Ensino de Teatro na infância.

Diante desse contexto, apresentaremos o caminho trilhado, apontando o que foi realizado durante a pesquisa e o que foi proposto no projeto de pós-doutorado de acordo com o cronograma abaixo:

MESES	ATIVIDADES REALIZADAS
Outubro, Novembro e Dezembro 2019	<ul style="list-style-type: none"> - Aceite da orientação pela professora Dra. Iduina Mont´Alverne Braun Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ); - Aprovação da solicitação de afastamento para o pós-doutorado em plenária ordinária no NEI-CAP/UFRN; - Submissão e aprovação do projeto de pós-doutorado pelo Comitê de Ética da UFRN.
Janeiro e Fevereiro/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Estudo do referencial teórico e análise documental.
Março/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com orientadora – Dra. Iduina Mont´Alverne Braun Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ); - Reunião com orientador – Dr. Jefferson Fernandes Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN); - Realização dos jogos improvisacionais com os sujeitos da pesquisa; - Leitura de textos para fundamentação teórica.
Abril/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com orientador – Dr. Jefferson Fernandes Alves (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN); - Realização dos jogos improvisacionais com os sujeitos da pesquisa; - Leitura de textos para fundamentação teórica.
Maió/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com orientadora Dra. Iduina Mont´Alverne Braun Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ); - Realização das entrevistas e observações com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental do NEI-CAP/UFRN; - Transcrição das entrevistas.
Junho/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos dados realizados.
Julho/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de textos para fundamentação teórica.
Agosto/2020	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de textos para fundamentação teórica; - Reunião com orientadora – Dra. Iduina Mont´Alverne Braun Chaves (Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ); - Reunião com orientador – Dr. Jefferson Fernandes Alves

	(Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN);
Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro/2020	- Redação do relatório final; - Publicação dos resultados da pesquisa em eventos científicos e em periódicos.

Observando o cronograma acima realizamos as ações que estão grifadas em verde escuro: o estudo do referencial teórico, as reuniões com os orientadores, as entrevistas online com as crianças, a transcrição das entrevistas, etc. Diante do contexto pandêmico não foi possível realizar os jogos improvisacionais bem como as observações destes.

Em face essas premissas, apropriamo-nos de um estudo de natureza qualitativa. Isso se justifica porque depreendemos que os dados obtidos no espaço educativo são repletos de singularidades referentes aos sujeitos envolvidos e às relações que estabelecem com o meio. Esses sujeitos estão imbricados durante todo o processo e contribuem no fazer educativo (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com Lüdke e André (1986), esse tipo de abordagem possibilita o (re) conhecimento da realidade em estudo, visto que enfoca mais o processo do que o produto, com a preocupação maior de retratar o ponto de vista dos participantes, além de ser um tipo de pesquisa rica na apreensão, percepção e descrição/explicação dos fenômenos.

Nos métodos qualitativos, o pesquisador é necessariamente envolvido na vida dos sujeitos (ou participantes), visto que os procedimentos de investigação se baseiam em ações como ouvir, conversar, permitir a expressão livre dos interlocutores. Como nosso objeto de estudo são as narrativas das crianças a partir das reflexões sobre a construção do processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”, essa abordagem de pesquisa foi inserida na escritura desse trabalho.

Nessa perspectiva, o processo de investigação qualitativa reflete um canal de diálogo entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa, considerando-os de uma forma não neutra. Para Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa agrupa diversas formas de pesquisa que compartilham as características anteriormente citadas. Para os autores, esta investigação tem como objetivo, em maior ou menor grau, compreender os sujeitos tomando

como base os pontos de vista destes, abrangendo os estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos socioeducativos e a transformação da realidade.

No âmbito da pesquisa qualitativa, está presente o estudo etnográfico. De acordo com André (1995), a pesquisa etnográfica aplicada a pesquisa educacional, não tem as mesmas exigências da etnografia aplicada ao campo antropológico. No campo educacional a pesquisa etnográfica dá ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou resultados finais, se preocupando com o significado, com a maneira própria que as pessoas vêm a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cercam.

A pesquisa etnográfica educacional se tornou importante para esse estudo, porque atualmente as salas de aula converteram-se em lugares de socialização para alunos de diversas origens étnicas e culturais e, portanto, faz-se necessário que o conhecimento e a compreensão desses grupos sociais orientem a prática pedagógica. A interação professores-alunos e entre os próprios alunos, o estudo de padrões culturais, a descoberta de modelos educacionais, a análise do currículo oculto, de grupos marginalizados, análise de contextos educacionais, entre outros, constituem algumas temáticas abordadas no enfoque etnográfico (ESTEBAN, 2010).

Dessa forma, a pesquisa etnográfica, possibilita diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes as suas experiências e vivências mantendo um contato direto e prolongando com os sujeitos pesquisados e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor (ANDRÉ, 1995).

Nesse sentido, foi possível, portanto, pensar em uma abordagem de tipo etnográfica, possibilitando que o olhar das crianças sobre o processo criativo citado anteriormente possa ser analisado como um “sistema de significados culturais”.

Mas o que significa propor um estudo que tenha nas crianças e suas culturas o objeto principal? Delgado (2005, p.12) afirma que “ainda temos que avançar no debate sobre metodologias cujos focos sejam as vozes e ações das crianças”. A autora apresenta possibilidade da construção de uma “etnografia da infância” que implica na produção das crianças nos dados nas pesquisas, destacando que o respeito pelo grupo pesquisado e por suas próprias visões e

habilidades deve ser um primeiro ponto de partida para essa construção, pois quando utilizamos alguns elementos da etnografia na pesquisa, estamos fazendo uma apreensão dos significados de um grupo, que na nossa pesquisa é um grupo de crianças.

Esse modo de ver a criança envolve compreendê-la como sujeito e não como objeto de pesquisa. É “aceitar que as crianças podem falar em seu próprio direito e que são capazes de descrever experiências válidas” (DELGADO, 2005).

Outros autores têm ajudado a pensar as conexões entre a etnografia e os estudos com as crianças. Os trabalhos de Corsaro apud Muller (2009), por exemplo, revelam como que esse autor buscou não se associar a uma “figura autoritária” na relação com crianças pesquisadas e ainda construiu uma estratégia de inserção no grupo de crianças denominada “entrada reativa”. Essas experiências lhe permitiram chegar a significativas categorias de análise da cultura infantil.

Para Corsaro apud Muller (2009), a etnografia é o método que os antropólogos utilizam para estudar culturas exóticas, o que requer que o investigador entre, seja aceito e participe nas vidas daqueles que estuda. Convencido de que as crianças têm a própria cultura, Corsaro apud Muller (2009), sentiu que seria necessário entrar na vida cotidiana das crianças dos EUA e da Itália, e considerou que a melhor forma de se tornar parte do cotidiano infantil seria não agir como um adulto típico. Devemos agir observando as atitudes dos adultos com as crianças, o controle sobre essas interações, conversar com as crianças, entender seu universo para poder ter a autorização para entrar nas atividades das crianças.

Esse mesmo autor considera importante a entrada no terreno na pesquisa etnográfica, uma vez que seus objetivos principais, enquanto método interpretativo, é o estabelecimento do estatuto do membro e a adoção de uma perspectiva ou do ponto de vista “dos de dentro”.

Assim, a pesquisa etnográfica nos ajudou a delinear uma metodologia que nos ajude a evitar projetar o nosso olhar sobre as crianças, colhendo delas apenas aquilo que é o reflexo das nossas representações. É preciso que nós pesquisadores nos coloquemos no ponto de vista da criança e veja o mundo com os olhos dela. Isso vai nos exigir descentrar nosso olhar de adulto para

poder entender, pelas falas das crianças, os mundos sociais e culturais da infância por meio das brincadeiras que vivenciam.

Ressalto aqui a percepção e o olhar sobre a Linguagem Teatral como prática e experiência de cultura, considerando o percurso histórico de compreensão e análise dessa linguagem no desenvolvimento e formação das crianças e a natureza de minha relação especial com elas durante a pesquisa, pois as crianças já tinham sido meus alunos em anos anteriores, assim como com o lócus de pesquisa, por ter sido professora e bolsista em anos anteriores, o que tornou um acesso facilitado na busca do objeto de estudo ora pesquisado.

Ainda no âmbito da pesquisa qualitativa, o estudo apresenta como objeto de análise as narrativas infantis. De acordo com Bruner (1997) *apud* Passeggi e Rocha (2013), a narrativa confere estabilidade a vida social da criança. A ação de narrar uma história é uma das formas privilegiadas de organizar e dar sentido à experiência, pois possibilita ao sujeito ordenar temporalmente a sua experiência, elaborando uma (re)significação dos eventos de sua vida. Assim, a narrativa é considerada um ato de significação e um modo de discurso, não meramente uma representação da realidade. Ao mesmo tempo em que a criança narra ela vai construindo significados.

Ao optar por fazer da narrativa das crianças uma fonte de pesquisa, por meios das reflexões das suas falas, alinho-me à ideia de Chaves (1999) quando afirma que há em torno da narrativa um reconhecimento importante e significativo como instrumento, contribuindo de forma relevante para o desenvolvimento profissional, pessoal, de pesquisa e de ensino. Como fenômeno e como método, as narrativas, se mostram de maneira atuante no que diz respeito ao aspecto social. De acordo com Chaves (1999, p. 2):

Através de contar, escrever e ouvir histórias de vida – as suas e as dos outros – podemos penetrar nas barreiras culturais, descobrir o poder da integridade do outro e ainda, aprofundar o entendimento de suas perspectivas e possibilidades. Além do mais, todas as formas de narrativa assumem o interesse em construir e comunicar significado. O significado da prática, da vida.

Para o pesquisador, o ato de narrar é muito importante e significativo, pois leva o narrador para além da patente, da norma e em direção ao latente, à vida. Para isto, é necessária uma escuta sensível que seja capaz de dar lugar à subjetividade das histórias de vida, levando-nos captar e compreender os aspectos simbólicos presentes nestas histórias e permitindo que se estabeleça um diálogo entre o que emerge da fala e da escrita dos entrevistados.

Entendemos, então, que a metodologia da Pesquisa Narrativa se mostra muito importante, pois quebra com alguns paradigmas que vinculam um estilo mecânico e engessado, fundamentados em saberes fragmentados e em uma razão fechada (MORIN, 1996).

Nessa direção, favorecer um espaço de narrativa é compreender o papel do outro na construção de significados; é entender linguagem como via de mão dupla, quer dizer, ela tanto forma como comunica os inúmeros sentimentos atuando como instrumento mediador básico e decisivo na elaboração da consciência (LEITE, 2008).

Ainda pensando na Linguagem Teatral, destacamos que os espaços de narrativa visam serem lugares de desenvolvimento da imaginação. Nesse espaço entendemos que as crianças ao se expressarem retratam não apenas o vivido por elas, mas o vivido por outros e, ainda, seu imaginário acerca das temáticas propostas.

Nesse contexto, com o objetivo de atribuir sentidos e significados das imagens que as crianças realizaram sobre o processo criativo do experimento teatral performativo intitulado “A formação do povo brasileiro”, utilizamos as reflexões da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand (1993). Durand leva em consideração o imaginário numa perspectiva poética que abrange algumas disciplinas, como: filosofia, teologia, psicologia, sociologia, etc. Estas, levam em conta e valorizam a imaginação simbólica. Logo, é por meio de uma abordagem antropológica que Gilbert Durand debruçou-se sobre suas pesquisas, uma vasta e intensa filosofia das imagens, aprofundando-se nas representações como uma rede de relações de imagens, imaginação e fantasia.

Durand (1993) diz que a nossa consciência tem duas formas de representar o mundo, ou seja, uma forma é a direta, que se constitui de percepção e sensação e a outra forma é a indireta, que bebe na fonte das

lembranças, dos devaneios e das prospecções, e as imagens que estão sempre banhadas pela dimensão simbólica. Portanto, as imagens estruturam a visão de mundo dentro do plano consciente e inconsciente agrupando um conjunto de situações mentais que abrangem imagens visuais, plásticas, mas também as metafóricas, os símbolos e as narrativas (orais e/ou corporais). Sejam por palavras ou pela expressão corporal, nossas formas de linguagem no meio sociocultural estão sempre atravessando as imagens e o simbolismo, o que está diretamente voltado para o imaginário.

As reflexões acerca da Teoria do Imaginário possibilitaram uma conexão com nosso objeto de estudo, pois o imaginário para Gilbert Duran (1993) se constitui como toda teia das representações humanas, sendo necessária a conexão dos domínios biopsíquico e sociocultural, se tornando um todo, uma relação dinâmica na perspectiva da organização das imagens.

Ainda proferindo sobre a imaginação simbólica, refletimos sobre a imaginação material discutida por Bachelard (1997). De acordo com esse estudioso, a criança é materialista nata, pois a partir de suas características imaginativas, ela consegue transformar qualquer coisa para a sua realidade. Por esse motivo, a imaginação material é chamada de criadora, porque ela transforma a realidade. No processo de construção do extrato cênico “A formação do povo brasileiro”, percebemos nitidamente essa transformação, quando as crianças deram sentido as ações, as narrativas dos personagens e criaram o enredo da formação do povo brasileiro sendo transportadas para outros lugares e épocas.

Nessa perspectiva, os caminhos da pesquisa foram se entrelaçando dentro de um processo de recursividade, pois percebemos a conexão entre a imaginação, a criação, a arte, a criança e suas narrativas, etc.

No contexto da nossa pesquisa, utilizamos como instrumento de construção de dados a entrevista narrativa, pois conforme citamos anteriormente, a narrativa é um processo formativo que se conecta com a perspectiva do pesquisador narrador e não transcritor, assim como, a imaginação se conecta com as narrativas infantis, pois as crianças constroem suas narrativas a partir da sua imaginação criadora.

A entrevista narrativa é um processo interativo, dialógico, em que as características de cada criança, assim como do pesquisador, influem no

desenvolvimento da conversação. Não se trata de buscar nas diversas expressões das crianças as explicações, alicerçadas num sentido único, mas buscar nas versões, olhares e significações diversas. Subentende-se deste modo que a perspectiva do entrevistado será melhor revelada, oportunizando que ele utilize sua própria linguagem de forma espontânea (PEREIRA, 2014). É nesse sentido que procederemos com as entrevistas, respeitando o tempo de cada um e o modo de condução do discurso, sem indução.

Por meio de leituras de imagens e do vídeo do processo criativo do experimento “A formação do povo brasileiro”, realizamos as entrevistas narrativas com as crianças⁶. Após a obtenção dos dados, iremos passar a sistematizá-los utilizando a pesquisa cartográfica. No projeto de pós-doutorado, havíamos mencionado que realizaríamos a análise dos dados por meio de alguns princípios da Análise de Conteúdo, porém no decorrer da pesquisa decidimos optar pela pesquisa cartográfica, pois entendemos que será o melhor percurso para realizar o cruzamento de dados na relação dialética com o objeto de estudo em pauta.

Para nos aprofundarmos na discussão do caminho trilhado, entendemos que, é necessária uma reflexão acerca de práticas docentes em teatro na infância a partir de discussões teóricas e da proposição de vivências na abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (1991) que compreende a história da arte (contextualização), a leitura (crítica e estética) e o fazer artístico (produção).

Esta abordagem que é adotada no NEI em todas as formas da arte (artes visuais, teatro, dança e música), foi criada por Ana Mae Barbosa e é a referência mais expressiva do ensino da arte no Brasil, exercendo um papel muito importante e significativo para as crianças no contexto desse estudo, pois ao pensar a cultura visual como um fluxo corporal no tempo, transitando entre as ações que Barbosa desenha de forma triangular, a criança performer joga com os limites da leitura, irrompe com inesperadas contextualizações e faz, em seu brincar e jogar, possibilidades corporais para inventar sentidos para o mundo e para a vida, num processo de aprendizagem que, formado por estes

⁶ As entrevistas foram realizadas com 11 crianças do 2º ano do Ensino Fundamental mediante a autorização por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi enviada aos pais.

sujeitos que se aproximam do mundo com sua curiosidade e ludicidade, se amplia. Essa ideia é ratificada por Azevedo; Araújo (2015, p. 348):

É muito importante dizer que as ações - ler/contextualizar/fazer - que constituem a Abordagem Triangular são articuladas e que a contextualização exerce um papel muito significativo na produção de sentidos do universo de imagens, quer sejam elas obras de arte, quer sejam elas cultura visual.

Ao pensarmos na cultura visual em que estamos inseridos e na profusão de imagens que temos ao nosso redor, percebemos a importância dessa abordagem, uma vez que ela nos orienta sobre a educação do olhar, que seria a capacidade de dar sentido, analisar e compreender o que vemos, considerando aqui a visão um processo corporal integral, que envolve diferentes memórias e processos do corpo em articulação para dar sentido ao que se vê.

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar mais atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17).

A ampliação da cultura visual e artística das crianças é construída quando elas apreciam informações e obras em diversos meios e suportes: livros, vídeos, textos informativos e imagens.

Apesar de, ainda, não ter iniciado a análise dos dados, percebemos por meio da realização e transcrição das entrevistas narrativas com as crianças, que elas se colocam como sujeitos da história, ressignificam o legado cultural do povo brasileiro, ampliando o seu repertório cultural. Observamos essa amplitude quando elas leem, releem, criam, posto que o teatro é linguagem e, portanto, uma forma importante de expressão e comunicação humana na qual a criança faz uso de materiais comuns para expressar as suas imaginações e vivências.

As experiências em torno desse estudo acerca da construção do extrato cênico “A formação do povo brasileiro” permitiram que as crianças interagissem com as demais do grupo de forma dinâmica. Elas expressaram sensações e emoções em vivenciar a cultura dos povos que deram origem à nossa população, compreendendo a importância do legado cultural que nos deixaram.

Sendo assim, acreditamos que o contato com a linguagem teatral, tendo a criança como protagonista do processo de criação, improvisação e reflexão, oportunizou ao grupo ser espectador e participante ativo dessa arte. Reafirma-se, assim, a ideia de que essas práticas possibilitam as crianças conhecerem a si mesmas, terem liberdade para imaginar, criar, improvisar, cooperar com seus colegas, respeitar as diferenças do outro, se comunicar, se expressar e elaborar sentidos e significados para suas vivências.

5. CONSIDERAÇÕES (NÃO) FINAIS

Os caminhos para o trabalho com as práticas teatrais são diversos, e aqui apresentamos apenas algumas possibilidades. As crianças da nossa escola aprendem desde cedo a valorizar, a apreciar e a vivenciar diferentes linguagens, formas de expressão e elaboração de sentidos. Acreditamos, assim, que no contato com as diversas formas de linguagens, participando do processo de criação, as crianças são incentivadas a serem leitoras/apreciadoras da arte, seja na dança, esporte, música, pintura, escultura, poesia, teatro, dentre outras.

Dessa forma, reafirmamos o entendimento de que essa e outras práticas sobre a Linguagem Teatral e as narrativas infantis permitem as crianças compreenderem, conhecerem a si mesmas e o mundo, terem liberdade para criar, aprender e expressarem valores e atitudes de cooperação, organização e o respeito às diferenças, limites e possibilidades do outro; bem como se comunicarem, elaborarem sentidos para essas vivências, utilizando-se do gesto, da palavra, do movimento e de suas emoções.

Promover processos criativos é partir da assertiva de que o trabalho com a Linguagem Teatral, sobretudo na infância, proporcionará para as crianças ricas descobertas, autocuidado, conhecimento sobre si e sobre o outro etc. Entendemos, ainda, que trabalhar com essa linguagem é proporcionar experiências na subjetividade e na liberdade da criança de se manifestar, considerando-a um sujeito aprendente nas relações com o outro e com o meio em que está inserida.

Experienciar o teatro performativo de maneira reflexiva em “A formação do povo brasileiro”, não como produto, mas como construção de momentos imaginativos, simbólicos, culturais, sociais, históricos, sobre os povos que formaram nosso país, por meio do potencial criador de cada criança, foi uma experiência, sem dúvida, significativa e inesquecível, pois “o potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida (OSTROWER, 2009, p. 27).

O diálogo com práticas performativas no contexto de um espaço de aprendizagem em que a criança aparece e age como protagonista, em que pela experiência conhece a si e ao mundo, permitiu-nos propor outras formas de diálogo e pesquisa sobre temas e caminhos coletivamente escolhidos entre professores e crianças. É um processo em que o corpo, colocado em jogo, como agente questionador, lúdico e pesquisador/extrapolador de limites, pode ser o guia das descobertas.

A escola, em suas atividades dentro e fora dela, proporciona a construção do conhecimento, possibilitando acesso a diversos saberes nas diferentes áreas de conhecimento. Nesse contexto, entendemos que o ensino de teatro deve ser componente curricular das práticas pedagógicas, estando presente na escola como forma de comunicação e expressão, ampliando os modos de ser, viver e criar dos sujeitos.

Frente a essa epistemologia teórica, buscamos, por meio dessa linguagem, articular coletivamente a criação, a reinvenção e a interação, promovendo os sentidos, a vivência e a reflexão das crianças. Nessa direção, o teatro reflete a nós mesmos enquanto construtores de ação, pois construímos sentidos juntos, logo, aprendemos juntos, uma vez que a aprendizagem se dá

através do campo da igualdade das inteligências e o sujeito mantém uma relação autônoma entre a aprendizagem e a conexão com a sua singularidade (DESGRANGES, 2011).

Esperamos, que esse contato iniciado por ocasião do estágio pós-doutoral gere parcerias interinstitucionais e a realização de projetos conjuntos, com vistas a lançar novas proposições dentro da área. Nessa perspectiva, contribuiremos para fortalecer a Linguagem Teatral na infância como campo de saber e experiência, assim como redimensionar/ampliar o trabalho que vem sendo desenvolvido no NEI.

Destacamos a importância deste trabalho para nossa formação profissional. Nesse sentido, esperamos que este trabalho contribua para enriquecer o debate acerca do olhar da criança do Ensino Fundamental sobre o teatro. Temos a expectativa de que o nosso estudo possa abrir espaço para refletirmos sobre a importância de valorizar a voz das crianças, procurando entender o que dizem, o que pensam e realizam ao teatralizar (jogar) e, conseqüentemente, ofereça subsídios teórico-metodológicos para os professores que pretendem considerar o pensamento infantil em sua ação docente, refletindo sobre a sua prática e o planejamento de atividades relacionadas à Linguagem Teatral.

Evidenciamos que a realização deste trabalho não se constituiu apenas no cumprimento de uma tarefa acadêmica. Ele representou a culminância dos nossos estudos na graduação, na construção da dissertação e da tese, na nossa experiência como bolsista e professora do NEI, como integrante de um Grupo de Pesquisa e como professora/pesquisadora.

Considerando esta etapa de trabalho, chegamos! Mas acreditamos que logo, logo, alçaremos novos voos, afinal, continuaremos a pesquisa realizando a análise dos dados construídos a partir das entrevistas narrativas, estudando o referencial teórico sobre teatro performativo, pesquisa cartográfica etc. Nesse sentido, eu como “Borboleta com mente de lagarta” ganharei novas asas, invadirei outros espaços, sabendo que preciso estar consciente de que a minha mente é de lagarta; saber que eu ainda posso se reconstruir e que da minha reconstrução nova lacuna surgirá na perspectiva por novos aprendizados e descobertas.

6. REFERÊNCIAS

ACÁCIO, Leandro Geraldo da Silva. **O teatro performativo: a construção de um operador conceitual**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves; ARAÚJO, Clarissa Martins. **Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 345-358, 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em: dez. 2021.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva/Lochpe, 1991.

_____. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Arte, 1998.

BAUER, Martin W; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Entrevista narrativa**. In BAUER, Martin W; GASKELL. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 90-113.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade**. 2. ed. Brasília, 2007. p. 33-45. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensifund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento**, Brasília, 2007.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

CHAVES. A pesquisa narrativa: uma forma de evocar imagens da vida de professores. In: **Imagens da cultura: um outro olhar**. São Paulo: CICE/FEUSP, 1999a.

DELGADO, Ana Cristina Coll. **Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, maio/ago. 2005.

DEMARTINI, Z. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A.L.; DEMARTINI, Z.B.F.; PRADO, P.D. (Orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2005.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

DURAND, Gilberto. **A Imaginação Simbólica**. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1993. (Coleção Perspectivas do Homem).

ESTEBAN, M. Paz Sandín. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Tradução Miguel Cabrera – Porto Alegre: AMGH, 2010.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade: o teatro performativo**. *Revista Sala Preta*, São Paulo, n. 8, p. 197-210, 2008.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KRAMER, Sonia. **Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças**. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, p. 41-60, n.116, jul.2002.

LEITE, Isabel Maria. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-140.

LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Marina Marcondes. **A Criança é Performer**. *Educação & Realidade*, vol. 35, núm. 2, maio-agosto, 2010, pp. 115-137 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2016.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ROCHA, Simone Maria da. Inclusão escolar pela classe hospitalar: o que nos contam as crianças sobre suas experiências educativas no hospital. In: **Pesquisa (Auto) Biográfica: trajetórias de formação e profissionalização/ organização** Eliseu Clementino de Souza, Maria da Conceição Passeggi e Paula Perin Vicentini: Curitiba, 2013.p. 107-120.

PEIXOTO, Sara Maria Pinheiro. **O corpo como sentido, criação e significado da criança com Síndrome de Down: uma proposta de intervenção docente na Educação Infantil**. 189f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

PEREIRA, Uiliete Márcia Silva de Mendonça. **O olhar da criança sobre a brincadeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação em Educação, Natal, RN, 2014.

ROSSLER, João Henrique. O papel da brincadeira de papéis sociais no desenvolvimento do psiquismo humano. In: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (Orgs.). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vygotsky, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 51-63.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M.J.; CERISARA, A.B. (orgs). **Crianças e miúdos**. Perspectivas Sócio Pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2003.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Centro de Educação. Núcleo de Educação da Infância – NEI/CAP/UFRN. **Proposta Pedagógica** (2017, no prelo).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos e superiores**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

